



Metamorfoses

Revista de Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros

ISSN: 0875-019, v.20, n.1, e60993, 2023

DOI: 10.35520/metamorfoses.2023.v20n1a60993

Apresentação

A vez das vanguardas: futurismo e outros ismos

Teresa Cerdeira Maria Lucia Faria Maximiliano Torres Anélia Pietrani 

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

E-mails: teresacerdeira@gmail.com; maluh@letras.ufrj.br;

torres.maxi@gmail.com; aneliapietrani@letras.ufrj.br

Este número da Revista *Metamorfoses* se segue conscientemente ao ano do centenário do Modernismo Brasileiro (1922-2022) como modo de cumprir uma dívida de publicação de alguns textos apresentados durante o Congresso 100 Futurismo (1917-2017). Como sugere o título, o evento evocava os cem anos da publicação da revista *Portugal Futurista*, espécie de marco do esforço de inserção de um grupo de intelectuais portugueses na vanguarda da arte europeia. Esses trabalhos, escolhidos em parte por sua maior adequação ao tema central das vanguardas do século XX, foram submetidos, às cegas, aos avaliadores da revista, de modo que aparecem, enfim, em letra impressa não sob a forma de “anais”, mas como artigos selecionados para compor este volume 20, número 1 da revista *Metamorfoses* da Cátedra Jorge de Sena da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O Futurismo e os outros ismos foram desde logo o nosso objeto fundamental, mas aí se mesclaram não apenas a literatura, como também o cinema – arte do movimento por excelência (com Manoel de Oliveira, em Portugal, e Mário Peixoto, no Brasil) – e a própria modernidade do cinematógrafo como expressão inusitada da nossa possibilidade de assistir à “dança de um objeto que se divide e se recompõe sem intervenção humana” (Marinetti). Por outro lado, vem à baila a própria arte da dança

Editores-chefes

Sofia Maria de Sousa Silva
Paulo Ricardo Braz de Sousa

Editores convidados

Teresa Cristina Cerdeira
Maria Lúcia Guimarães de Faria
Maximiliano Torres
Anélia Montechiari Pietrani

Como citar:

CERDEIRA, Teresa; FARIA, Maria Lucia; TORRES, Maximiliano; PIETRANI, Anélia. A vez das vanguardas: futurismo e outros ismos. *Revista Metamorfoses*, v.20, n.1, e60993, 2023. doi: <https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2023.v20n1a60993>

como inscrição de tempo e movimento sobre o corpo (com Almada Negreiros), assim como os efeitos plásticos de colagem (que reverberam ainda hoje na poesia de Rui Pires Cabral). E em falando em vanguardas, vale evocar os jovens poetas portugueses da Poesia 61, e não só, empenhados no enfrentamento da ditadura e de suas desastrosas consequências históricas e, ao mesmo tempo, exercendo a poesia, que é textura e criação, como uma prática jubilosa de reflexão que aposta no leitor ideal em permanente sintonia com a escrita. Também estão presentes, neste volume 20.1 da Revista *Metamorfoses*, alguns nomes do modernismo brasileiro (com Oswald de Andrade), e a afirmação, também brasileira, de uma vanguarda feminina (com Clarice Lispector), além da revisitação de obras singulares de artistas do início do século XX, através da produção de escritores portugueses nossos contemporâneos que – em trânsito intertextual e dívida metamorfoseada – operam a maravilha de nos reaproximar das vanguardas cujo centenário não apaga a novidade e a força que lhes permitiram sobreviver (Mário Cláudio e Bernardo Soares/Fernando Pessoa; Álvaro de Campos/Fernando Pessoa e Valter Hugo Mãe). Por outro lado, como não evocar ainda alguns gestos precursores das vanguardas do século XX mirando a memória oitocentista, quando se trata de falar de coisas tão absolutamente modernas como a metrópole urbana?

Para fazer um pouco de História, lembremos que em 1917, a revista *Portugal Futurista* (Figura 1) – cujo único número vindo a público foi imediatamente censurado e recolhido por demasiada irreverência no que tange à arte institucionalizada e à mediocridade da vida burguesa do país – reunia alguns nomes tornados posteriormente



Figura 1. *Portugal Futurista*, 1917.

célebres nas artes, entre os quais sobressai o de Almada Negreiros que, para além da ruptura estrutural do seu “Saltimbancos”, afronta o tempo com o iconoclasta «Ultimatum futurista às gerações portuguesas do século XX», cujo fim seria possivelmente menos o de destruir do que o de fazer ver aos seus contemporâneos um veio possível para a integração portuguesa na modernidade. Afinal, o texto se abre com a afirmação: “Eu pertença a uma geração **construtiva**” para (e ele o repete três vezes) “criar a pátria portuguesa do século XX”, numa espécie de grito (ousemos dizer perigosamente, à la Marinetti) que conclamava a Força, a Inteligência e o Orgulho, sem abdicar, contudo e felizmente, de um auto sarcasmo final que corroía o gesto quase marcial que uma certa vanguarda insistia em presumir. Em lugar disso, ele concluía quase dolorosamente: «O povo completo será aquele que tiver reunido no seu máximo todas as qualidades e todos os defeitos. Coragem portugueses, só vos faltam as qualidades.»

Mas é possivelmente o texto de um poeta sem corpo próprio, transeunte ocasional do corpo de um outro, o heterônimo Álvaro de Campos, quem dá o tom definitivo do *Portugal Futurista* com o poema-manifesto *Ultimatum*, que se abre com uma saudável virulência que não seria demasiado sabermos herdar: “MANDADO DE DESPEJO AOS MANDARINS DA EUROPA”... e, nós diríamos, não só, porque também, no Brasil, está apenas em processo esse gesto de cobrança histórica do muito que há ainda a ser “despejado”. A “Ode ao burguês” de Mário de Andrade é, por isso mesmo, de uma terrível atualidade.

Hoje, em tempos em que as obras vanguardistas mais radicais fazem parte dos museus, contrariando seu projeto iconoclasta, é um fato consumado que as vanguardas não viram cumprido seu objetivo de destruir a instituição da arte, cuja resistência, para o bem como para o mal, resultou na impossibilidade concreta da sua superação.

No Brasil, a Semana de Arte Moderna de 1922 tinha uma identidade a conquistar. Ela equivalia, passado um século, a uma independência cultural que pressupunha a consciência crítica diante do olhar que os “civilizados do norte” lançavam, com evidente desprezo, sobre aquele “novo mundo” que aliava o exótico a uma certa rudeza, de onde se ausentavam o refinamento, a sutileza, em outras palavras, a civilidade. Oswald de Andrade daria, contudo, a esses requisitos desprezados uma grandeza inesperada com a radicalidade da proposta de sermos “antropófagos” para deglutir, digerir e devolver, em arte, outra coisa diversa daquilo que fora ingerido até então como inultrapassável e modelar. Oswald de Andrade é a grande voz dessa ausência de subserviência e dessa recusa descomplexada que se faz manifesto e que se apropria da tradição, tornando-a coisa nossa, artigo de exportação, ao formular uma nova filosofia:

Só a ANTROPOFAGIA nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Tupi or not Tupi, that is the question.

Filhos do sol, mãe dos vivos. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos turistas.

No país da cobra grande.

Contra as histórias do homem que começam no Cabo Finisterra.

O mundo não datado. Não rubricado.

Sem Napoleão. Sem César.

Contra as sublimações antagônicas. Trazidas nas caravelas.

Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jabuti.

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

A nossa independência ainda não foi proclamada.

Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino.

Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.

Oswald de Andrade

Em Piratininga

Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha

Manifesto Antropófago (1928)

No alvorecer do século XX, Portugal e Brasil buscavam – cada qual a seu modo – os meios de inserção na modernidade. Através da ultrapassagem da decadência ou da euforia utópica de poder ser livre, nos dois lados do Atlântico havia uma aposta no futuro.

Seria, contudo, importante lembrar que em 2017, quando os textos que aqui se reúnem neste número 20.1 da revista *Metamorfoses* foram apresentados pela primeira vez, experienciávamos no Brasil um tempo apequenado e envergonhado. Mas quem sabe, lá no fundo, nos deixávamos embalar pelas palavras de Oswald de Andrade, que afirmava que o Brasil tinha descoberto a felicidade. Se ela ainda hoje

está por vir, e possivelmente nunca será inteiramente cumprida, vivemos ao menos um presente que se empenha corajosamente em construir um futuro mais honesto, mais justo, mais generoso.

E no nosso arraial das letras é este o modo possível e “jubiloso” de estar na vanguarda do tempo.

Os editores
Setembro de 2023